

RECADO DO BENDEGÓ



conversas com a pedra

Ficha Catalográfica

C116r Caboco, Gustavo
Recado do Bendegó : conversas com a pedra / Gustavo Caboco e Pedra do Bendegó ; ilustrações de Gustavo Caboco. – São Paulo : Picada Impressões Indígenas, 2021.
13 p.: il.

Obra de autoria compartilhada produzida para o contexto da instalação Kanau'Kyba para a 34ª Bienal de São Paulo, em formato digital.

1. Literatura indígena contemporânea. 2. Literatura de cordel. 3. Poesia popular brasileira. 4. Pedra do Bendegó (Meteorito). 4. Bienal de São Paulo (34. : 2021 : São Paulo). I. Título

CDD 869.1

01.

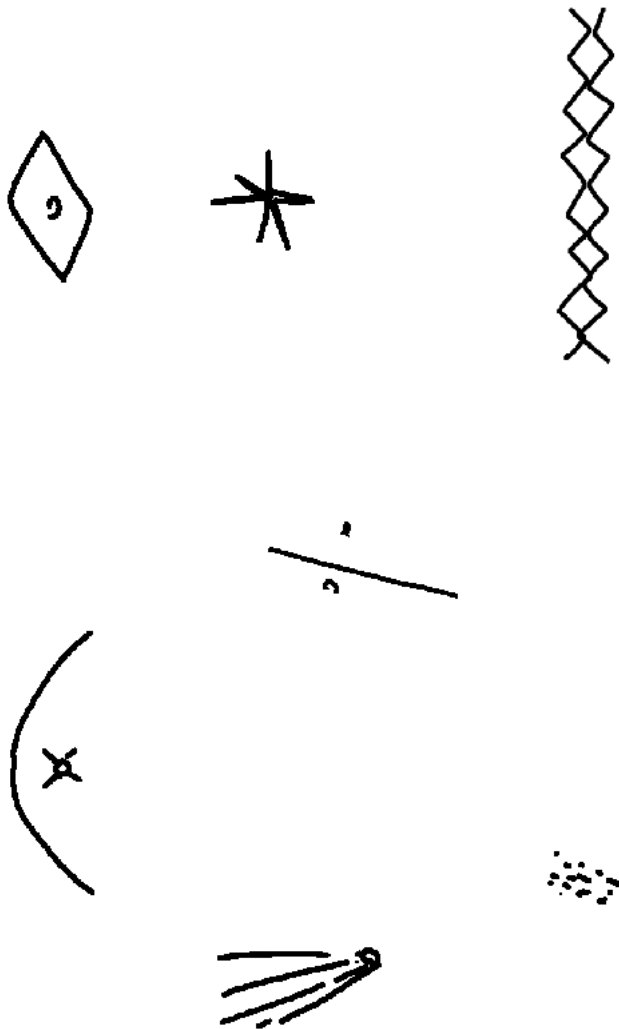
Do risco na pedra.

— Foi da pedra que nasci.
E da memória orgânica.
Sons do canto. No fogo.
Me convocaram aqui num pé de serra.
Foi antes da terra cair.
“Falta água, chuva, hidratação. Comida.”
Kyba, Kyba, Kyba.
Só a pedra mesmo.
Só xique-xique, osso.
Guerra dos homens, a infantaria hoje.
riscado na pedra. Constelação.

No quase tempo,
Da Vida, céu da pedra.
O canto magnético
No contra-tempo. Sem a jazida.
A fonte, sem o cálice.

Antes do museu pegar fogo,
Antes do imperador II adotar,
Antes do garoto vaqueiro avistar,
Antes do riacho secar,
Antes de qualquer comissão,
Antes de ser incendiado, martelado, esquarterado.
Antes de virar objeto. Objetificado. Estudo, estudado, especializado.
Antes de virar número, cálculo. Cristalizado, niquealizado, oxidificado.
Antes de virar santo, santificado. Oferenda.

Vim dum outro céu e fui riscado na pedra.
Mas faz tempo que não me perguntam estas histórias.



02.

Dia da Queda.

No dia da queda,
Vim de um outro céu, de um outro céu.

Convocado por vários povos.

Xakriabá,

Xukuru,

Kiriri,

Tapuia,

Tupinikim,

Tuxá,

Massacará,

Tupinambá.

Um tanto de gente, chamou nossa gente.

Foi uma velha que riscou na pedra,

Cantou, cantou.

Kyba, Kyba, Kyba.

Com risco na pedra,

Com risco de vida.

No dia da queda,

Fui recebido com alegria.

“Você não acredita quem está aqui”, falou o tio.

Foi dia de peixe.

Enchantes.

Uauá, Uauá, Uauá. Acendeu a luz.



PÉDRA DO CÉU

Deixamos um rastro no céu. Ainda está lá.
Mas faz tempo que não me perguntam estas histórias.

Da colonização do céu

Originalmente, esta pedra do céu foi encontrada no sertão Baiano e atravessou boa parte dos processos de colonização: a pedra teve o seu corpo exposto a medições e tipificações por pesquisadores, foi tutelada pelo governo, pelo exército, por extrativistas, foi submetida a cortes no seu corpo e espalhadas para acervos de museus de várias regiões do mundo, sua história foi apropriada e as histórias indígenas por trás desta pedra encantada do céu ocuparam o lugar de “folclore” do sertão baiano.

Do dia que me levaram. Confusão.
 Doação, adoção, rapto?
 Busca por minas de prata?
 Da pedra da profecia, dos viajantes,
 Dos pesquisadores, a falta de compreensão,
 Apenas a objetividade.
 Outro, antes ainda de Canudos,
 Chamaram a pedra encantanda.
 Mas a busca, da pouca escuta, dos que não ouvem as avós.
 Dos caçadores de mitos. Daqueles que buscam as minas.
 Perdura.
 As Histórias dos que confundem a pedra com ouro,
 Dos que confundem ouro com riqueza.
 Da colonização da pedra.
 Para além do fogo, roubo e sequestro.
 Do dia que me expuseram vivo no museu.
 Esqueceram do dia em que virei peixe no riacho.
 Chamam de profecia,
 Da pedra da profecia.
 Da memória, pertencimento,
 Apagamento e esquecimento.
 Mais uma grande seca. A da memória.

Sabe, tem as minhas histórias também.
 Mas faz tempo que não me perguntam estas histórias.

“Aquella pedra quillá”

Do sertão também ouvi sobre as minhas raízes,
cantado por avôs que eram netos daquela velha
que me chamou com o risco na pedra:

“Aquella pedra quillá:
Na infância da minha avó
Uma medonha faísca
Fez no tempo uma risca
E cahi no bendegó.
O estampido e o pó
Retumbou e quiz suffocar
E indo a este logar
Grande concurso de gente
Achava-se ainda quente
Aquella pedra quillá.

[...]

Depois do capitão-mór
Ainda veio um viandante
Ver si era diamante
Porém não a conheceu
O malho nella bateu.
Esta pedra não é má.
Porém geito nem um dá.
No mesmo dia voltou
E intacta ela ficou
Aquella pedra quillá.”

É conhecido como índio Manoel Joaquim de Sá
o parente que cantou sobre “Aquella pedra quillá”.



Resistimos.

Mas faz tempo que não me perguntam estas histórias.

Kuzaza engole Bendegó “Através da Bahia”

— Mas como é que você chegou aqui no Museu Nacional do Rio de Janeiro, então?

— Foi uma cobra grande que me engoliu
e depois me cagou longe.

Como é que eu cheguei aqui é?

Vimos de longe.
Vimos de um outro céu.

Atravessar um tanto de igarapé,
Um rio longo.
Eu morava num lugar muito seco, seco, seco.
No sertão.

Lembro certinho o dia que a cobra grande chegou
e abriu a boca e engoliu a gente.

Era parente.
Ela rezou nas águas do São Francisco,
rezou pra serra e a nascente do vaza-barris,
ficamos morando na barriga dela.
Só depois que ela cagou a gente no Rio de Janeiro.

A história é bem longa.
Mas faz tempo que não me perguntam estas histórias.

06.
Pedra fala?

Num outro dia, mais um kurioso, perguntou o Wapichana:

— Pedra fala?



— Canto para você saber que estamos aqui.

Converso em silêncio com você e a minha avó. Seus ossos na terra, pós-fogo(s), venho até aqui e sei que posso estar lá, estar aqui, voltar pra lá, voltar aqui. O corpo quente da pedra no lavrado permite um abraço; o corpo gelado (alienígena) da pedra do céu: um frescor. Sim, é gelada essa pedra do bendegó, pois é composta de metais. Nas águas encontro o caminho da reza, da seca, da garganta seca e da reivindicação da(s) pedra(s).

Desde 1888 gritam por essa tal pedra do céu, sèu retorno. Desde 1968, silêncios
Wapichana ecoam retorno.

Da mãe?

Da vovó?

Do irmão?

Da irmã?

De Makunaimí?

Quando deslocaram as pedras, as deram pé.

Pédras. Pédras retornantes.

A academia científica, os museus se alimentam destas histórias, se apropriaram das narrativas, propuseram a reanimação em novas vias, à sèu sèrviço, em prol do sorriso-ciência. Science; Science!

Enchentes.

E a oralidade, quando nomeada, falada e sai da boca destes, é assumida como sub-conhecimento. Oralidade raptada. Libertem, por favor. Libertem-se, pois não é assim que nossos vovôs indígenas nos ensinaram.

Não eliminem; abra-se no sentido humano da coisa.

Ouvir a pedra, vamos ouvi-la. Abrir os poros para o som da pedra magnetizar.

Som das pedras. Sondas, pedras.

Pedra canta. Mas faz tempo que não me perguntam estas histórias.

Sondas. Pedras. Som das pedras.

Por quê ignorar a vida destes seres tão importantes? Rio, pode rir. Se você não está preocupado, pé-ocupado, com a saúde do mundo você precisa acordar, recordar. Talvez encontrar as chaves do sub-mundo, que é aqui mesmo. Chama-se pé. Pèdra. A pé a perda. A pedra (do céu) nos conta um sonho: ser pedra no sertão, como não se abrir à escuta? Sertão diz: “Nos devolvam a pedra!”: pelo amor do mar. Como não ouvir. Onde é que caiu a pedra do céu? Sua alma veio junto ou ficou por lá quando deram pé à pèdra? Os dois? Quem é você, vovó? pédra do céu? Bendegó? É o rio? A serra? Estou perguntando na sinceridade mesmo, me vem lágrima wapichana pra regar a secura-originária da pèdra. Você é presente ou maldição dos povos do céu? Onde estão os seus parentes?

Saiu na notícia, saiu na notícia.:
 Pèdra do céu encontra Pédra Wapichana.
 Pé, pédra, pé, céu, pé, terra,
 caminhos de retorno à terra,
 caminho da canoa,
 canauanim,
 Caminhos da pédra, Kanau'kyba.

Bendegó, Uauá, Monte Santo,
 Curitiba, Canauanim,
 muito pinheiro, muito buriti,
 muita carnaúba.

Pé na pedra,
 dedão na pedra,
 caminhos de retorno passa por muita gente.

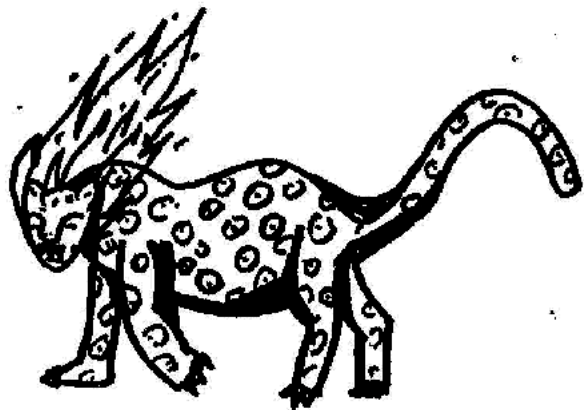
Moto-serra, garimpeiro, ATL, levante, gritos de retorno na arte.
 Artecídio, mas re-encontros.
 Alienados da terra,
 terra mãe,
 que mesmo assim acolhe.

Sem terra não há vida e alguém ousa dizer:
 quem é o proprietário dessa terra parada?
 Pé, pé, pé. Pédra do Kanaimé.

Por quê querem nos matar? Pra assassinar a terra? Parem de serrar nossas fronteiras, suas linhas imaginadas, parem de achar que matar é bonito.
 Envenenar a terra.

Ela tem memória e não esquece de você, a floresta lembra de tudo que você-nós fazemos. A terra seca! Ô sertão lembra água. Não apenas o sertão que vai virar mar, é o céu que vai virar sertão.

Os nossos céus vão secar e cair em pedacinhos não mastigáveis.



o8.

Pedaço do céu

O séu caído.

Os sertões é monumento,
vovô Makunaimi persiste.

Momento de acordar, rir, crer e chorar.

Mar Mar Mar.

O céu está caindo,
não vamos chorar, vamos lutar.
Seca a lágrima.

A floresta fogo com sede,
bendegó inflamado não queima mais.
bendegó diz: ardeu.

Arde.

Bendegó, jesus e terra chorou.

Por quê querem derrubar o céu?
Por quê serrar e comer montanha?

Por quê ser tão alienígena ao mundo?
Por quê ser tão alheio à vida?
Por quê ser tão assassinos de floresta?

Genocida.

Por quê ser tão contra a vida indígena?

09.

Mensagem da pedra. Kyba.

E desceu um pássaro.

Mensagem da pedra.

Kyba kyba kyba.

pássaro - pedra.

Canto no escuro qué dia-espírito.

Bate asa que é água

Nasce mais uma pedra, que vira serra.

E canta nossa cultura.

Que corre o rio, o risco,

Corre com a pedra, na canoa,

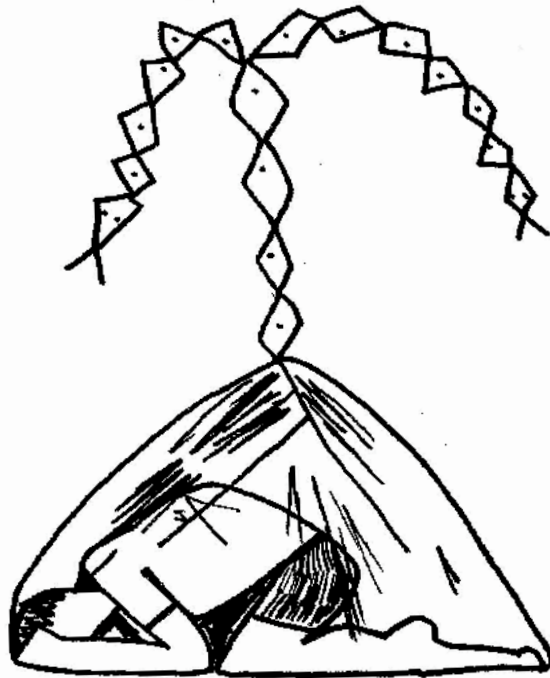
Sem embotamento.

Sente, o clima.

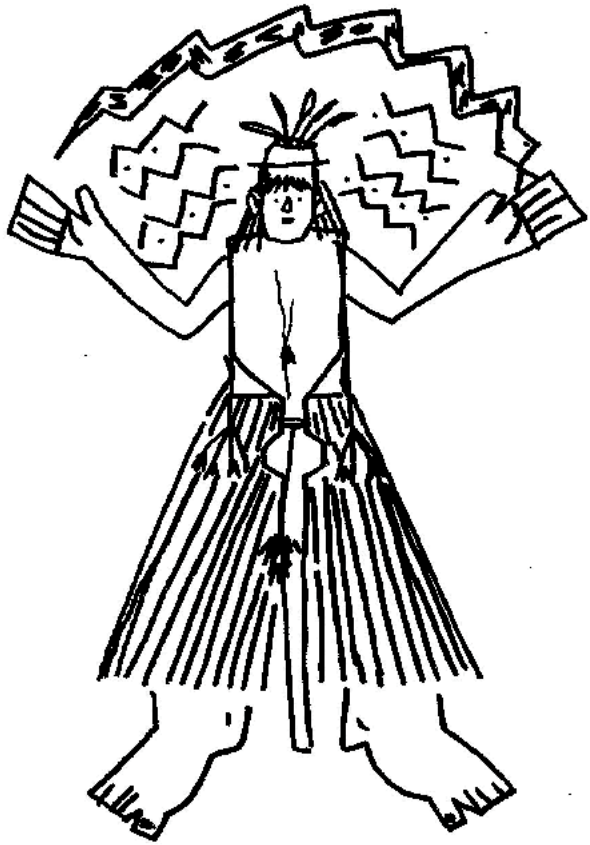
Esgotamento.

Engasgado de sede e o recado

Para aqueles que riem alto ao seu méro prazer:



Tem um brilho dentro que não é possível extrair.
Mas faz tempo que não me perguntam estas histórias.



Tem um brilho dentro que não é possível extrair.

Agradecimentos:

Comunidade Wapichana do	Jacopo Visconti
Canauanim - Terra Indígena	Paulo Miyada
Canauanim, Roraima	Ana Roman
Borduna Wapichana	Dorinha Santos
Lucilene Wapichana	Veridiana Simons
Roseane Cadete	Dora Côrrea
Emanuel Wapichana	Lúcia Angélica
Wanderson Wapixana	Eduardo Rosa
Maria Luiza Cadete Wapichana	Rafael Ancara
Ian Wapichana	Felipe Lui
Casimiro Cadete Wapichana	Carlton Hardt
Lorraine Oltmann	Juana Carvalho
Museu Nacional	Robson Vilalba
Pedra do Bendegó [meteorito]	Lucas Fernandes
Maria Elizabeth Zuculotto	André Nigro
João Pacheco de Oliveira	Davi Maciel
Renata Valente	Daniel Barbosa
Real Gabinete Português de	Caderno Listrado
Leitura	Maurício Malucelli
Lucas Canavarro	Lóki
Nana Orlandi	
Bel Flaksman	
Luciano	
Paula Berbert	
Jaider Esbell	
Década da AIC	
Vovô Makunaima	

Ficha técnica [publicação]:

Edição: Gustavo
Produção: Picada impressões indígenas
Projeto gráfico: Gustavo
Desenho: Gustavo
Texto: Gustavo e Pedra do Bendegó
Revisão: Paula Berbert
Impressão: Parquinho Gráfico

Ficha técnica [vídeo]:

Artista: Gustavo Caboco
Artista-mirim: Emanuel Wapichana
Artista-costureira: Lucilene Wapichana Fotogra ia:
Wanderson Wapixana
Pesquisa histórica e comunitária: Roseane Cadete

Paisagem sonora:
Emanuel Wapichana, Gustavo Caboco,
Ian Wapichana

Pesquisa antropológica e interlocução curatorial:
Paula Berbert

Animações:
Carlton Hardt e Pedro, Pastel & Besouro Estúdio

registros videográficos:
Família Wapichana

recado do bendegó

obra produzida no contexto da instalação

Kanau'Kyba para a 34ª Bienal de São Paulo

PICADA



IMPRESSÕES INDÍGENAS

@IMPRESSAOINDIGENA

Tem um brilho dentro que não é possível extrair.